

A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NA SÉRIE *THE HANDMAID'S TALE* SOB O OLHAR DA TEORIA CULTURAL¹

Júlia de Souza RAQUEL
Universidade de Sul de Santa Catarina – Unisul

*Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura,
então temos que mudar nossa cultura (Chimamanda Ngozi Adiche)*

Resumo

O objetivo desse artigo é analisar a representação feminina por meio da Teoria Cultural na série *The Handmaid's Tale*, em português *O conto da Aia* (2017). Baseado em um livro homônimo, da autora Margaret Atwood, a série é ambientada em uma sociedade distópica, totalitária e fundamentalista cristão-militar. Com o intuito de aumentar os índices de natalidade e retomar o que chamam de 'velhos costumes', nesta realidade as mulheres perderam a voz, foram rebaixadas devido ao seu gênero e transformadas em máquinas de reprodução. Com uma pesquisa sobre a cultura, sociedade e o movimento feminista, este trabalho analisa como as mulheres do país fictício Gilead são representadas. Elas são expostas às mesmas condições de igual para igual e mostraram-se dispostas a mudar e lutar pelo direito das próprias escolhas.

Palavras-chave: Teoria Cultural. Feminismo. Seriados.

1 Introdução

The Handmaid's Tale (2017) é uma produção televisiva estadunidense do canal de *streaming* Hulu, criada por Bruce Miller e baseada no livro homônimo da autora canadense Margaret Atwood. Em dois anos, a produção já conquistou diversos prêmios, entre eles oito Prêmios Emmy do Primetime e dois Globos de Ouro, na categoria melhor série dramática.

A série é ambientada em uma nova era, onde países de todo o mundo sofrem com as baixas taxas de natalidade. Em meio a colapsos e transtornos, os Estados Unidos são dominados por um Estado teocrático e totalitário chamado de República de Gilead. Nesta realidade a população foi submetida a novas castas sociais e entre essas, as que mais sofreram foram as mulheres. Agora, elas são dominadas pelos homens, seguem suas regras, são impedidas de ler, trabalhar fora, ter uma carreira ou vida acadêmica, vestir as roupas que desejam, ter um nome, ou seja, não são donas da própria vida.

¹ Artigo apresentado na Pesquisa em Jornalismo – Orientado pela professora Darlete Cardoso, Msc.

As mulheres são divididas por castas, entre elas as Aias, que possuem apenas uma finalidade, a reprodução; as Marthas, responsáveis por servir as casas de Gilead; as não mulheres, que são aquelas que não podem engravidar, as homossexuais, viúvas e adúlteras, condenadas a trabalhar em colônias – lugar onde o índice de radiação é muito alto, levando as mulheres à morte –; e as esposas dos comandantes, que mesmo ocupando um lugar mais privilegiado nesta sociedade ainda sofrem com as rígidas regras.

Nos episódios são apresentadas diversas personagens, mas o foco principal da narrativa é Offred e é a partir deste ponto de vista que o telespectador conhece toda a República de Gilead. Offred é uma Aia, o que significa que uma vez ao mês, em seu período fértil, a garota é submetida a uma cerimônia na qual é estuprada pelo comandante com a participação da esposa, tudo isso em nome de um bem maior, e regado às regras do velho testamento bíblico, gerar crianças para as famílias dos comandadores.

Para a escritora Muraro (1995, p.83) “as sociedades constroem elaborados sistemas religiosos, morais e legais justificando os estereótipos femininos e masculinos”, e, conforme trecho do site brasileiro especializado na produção midiática, o pano de fundo para as regras dessa sociedade são retirados e distorcidos dos verdadeiros propósitos bíblicos:

Na bíblia, o termo Aia vem da história de Raquel, esposa de Jacó, que, infértil, deu a ideia ao marido de conceber o filho do casal com uma serva. A bíblia é um objeto de estudo na série. Suas diversas interpretações – que muitas vezes se mostram perigosas – são exploradas com fervor pelos maníacos de Gilead (HANDMAIDSBRASIL, 2018).

Offred, que tem o nome derivado de seu mestre – De Fred, em português – é livre apenas dentro dos próprios pensamentos, onde traz as lembranças de uma vida passada, mas não esquecida, quando era casada, mãe e com uma própria identidade. A única saída para a protagonista é seguir as regras de Gilead na esperança de que um dia a sociedade ao seu redor acorde e ela possa, finalmente, se ver livre deste pesadelo.

Por acreditar que durante as últimas décadas programas midiáticos entraram para a história da comunicação, transformando o modo como o público consome este conteúdo, com capacidade de trazer a tona debates sociais e desenvolver um novo olhar acerca de inúmeros assuntos, afinal, conforme Wolf (2018, p.12), “é extraordinário que hoje os jovens cresçam tendo como líquido e certo seu direito de analisar e criticar os ideais que lhe são apresentados pela mídia de massa”, e, por crer que a representação da mulher pode ser caracterizada como um desses temas, uma vez que a mídia acompanhou as mais diferentes fases do feminismo, este trabalho pretende analisar a série *The Handmaid's Tale* de acordo com as discussões de cultura e de gênero feminino.

Observar as mudanças do papel feminino na teledramaturgia é uma das ferramentas para tentar compreender qual o status da mulher na sociedade atual, uma vez que elas nem sempre puderam ser quem desejavam ser. De acordo com Beauvoir (2016, p.113), “o lugar da mulher na sociedade sempre é estabelecido por eles”, os homens, e “em nenhuma época ela impôs sua própria lei”. Ao longo do século XX e até então no século XXI, as mulheres conquistaram o direito de transitar mais livremente em diversas posições sociais antes dominadas exclusivamente pelos homens, assim, surgindo à mulher contemporânea. Para Laraia (1986, p.101),

entender essa dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos [...] este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo porvir.

Já o autor Hall (2003) acredita que é fundamental estudar as relações entre esses comportamentos para assim conseguir melhor compreender a experiência vivida, e que é apenas por meio da análise do comportamento como um todo e de forma geral que isso será possível. Por isso, sabendo-se da importância que esses produtos midiáticos podem ter na vida de quem os assiste, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar como a representação feminina é apresentada na adaptação da série *The Handmaid's Tale* por meio das suas posições sociais retratadas, sob a perspectiva da teoria Cultural. Para isso, se faz necessário pesquisar a relação entre comunicação e cultura, a construção do gênero feminino e os estudos realizados na área. Os objetivos específicos são: averiguar de que forma a produção aborda as personagens Offred/June, Ofwarren/Janine e Serena Joy em três episódios da primeira temporada da série, verificando se esta representação continua a mesma ao longo da temporada inicial.

Faz-se saber ainda que, nas questões metodológicas, foi levada em consideração para o recorte das cenas e narrativas, a escolha do primeiro episódio e de outros dois capítulos, um da metade da temporada e outro mais ao final, sendo esses os mais bem avaliados pelo público no site de base de dados de conteúdo cultural, o Internet Movie Database (IMDb), além do destaque de cenas específicas que contribuirão para a análise dos temas escolhidos.

Em relação aos procedimentos metodológicos, para o desenvolvimento deste artigo, adota-se a pesquisa qualitativa de descrição por meio da técnica de análise de conteúdo. Sendo assim, a série é descrita, analisada e interpretada e relacionada ao fundamento teórico, podendo, enfim, chegar à conclusão do estudo de caso de como as

personagens femininas de *The Handmaid's Tale* foram apresentadas. Este trabalho também conta com pesquisa bibliográfica em diferentes livros que tratam sobre os assuntos propostos, entre eles há autores como Laraia, Beavouir, Wolf, Hall, Eagleton e entre outros. Este artigo está relacionado à linha de pesquisa “Cultura, Comunicação e Novas Tecnologias”, do Curso de Comunicação, da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Este trabalho é elaborado e dividido em duas seções principais, sendo elas a Teoria Cultural e o Universo Feminino. A primeira, respectivamente, aborda o conceito de cultura, passando por ideias desde os primórdios até as mais atuais, e como surgiram os conceitos de comunicação e cultura. Já o segundo aprofunda os estudos sobre a mulher e a sociedade, sob o olhar, em especial, da autora Simone de Beavouir, além de apresentar a luta do movimento feminista ao longo das últimas décadas. E, por fim, inicia-se a análise dos episódios escolhidos com base na fundamentação teórica.

2 Teoria Cultural

2.1 O conceito de cultura

Como se pode explicar o que de fato é a cultura, uma vez que antropólogos e estudiosos têm pesquisado e apresentado diversos significados sobre o assunto ao longo dos últimos séculos? É um conceito envolto em complexidade que exige uma ampla visão e conhecimento do mundo e das mais diferentes culturas.

Terry Eagleton (2005), por exemplo, tentou formular o conceito apresentando os mais diferentes significados que a palavra possuiu nos últimos tempos. Inicialmente a cultura era caracterizada por uma atividade agrícola. Mas com os anos algumas reformulações aconteceram e logo passou a ser comparado a outros conceitos.

Ainda durante o século XVIII, a cultura passou a ser vista como erudição e também como um sinônimo de civilização, com o entendimento de que aqueles que eram civilizados, na verdade, possuíam uma educação, “no sentido de um processo geral de progresso intelectual, espiritual e material” (EAGLETON, 2005, p. 19).

Anos à frente, já no século XX, a ideia de cultura muda mais uma vez. Nos estudos de Eagleton (2005, p. 25), “embora as palavras civilização e cultura continuem sendo usadas de modo intercambiável, em especial por antropólogos, cultura é agora também quase o oposto de civilidade”. Com tantas mudanças e significados, o autor ainda reflete:

A palavra cultura mapeia em seu desdobramento semântico a mudança histórica da própria humanidade da existência rural para a urbana, da criação de porcos a Picasso, do lavar o solo à divisão do átomo. [...] Mas essa mudança semântica é paradoxal: são os habitantes urbanos que são ‘cultos’ e aqueles que vivem realmente lavrando o solo não o são (EAGLETON, 2005, p. 10).

A discussão de cultura é uma questão antropológica que parece ser simples, mas na verdade é rica e complexa, gerando muitas discussões, de acordo com Laraia (1986). Desde a Antiguidade fez-se comum diversas teorias que tentam explicar as diferenças de comportamento entre os homens, partindo até mesmo do suposto ambiente físico ao determinismo biológico.

Essas ideias sustentavam que as características étnicas e raciais poderiam de alguma forma estar ligadas às diferenças culturais entre os mais variados povos, assim como as diferenças de gêneros. Por outro lado, também acreditavam que o determinismo geográfico era a chave para essas diferenças, levando em consideração até mesmo o clima. Na lógica desta teoria os povos residentes em lugares com temperaturas mais frias estariam sujeitos ao progresso, enquanto os moradores de localidades com clima mais quente estariam em condições desfavoráveis por conta do calor, assim tornando-se preguiçosos (LARAIA, 1986).

Em contrapartida a essa lógica, o autor Laraia (1986) defende que a cultura age seletivamente e que, por meio de diversos estudos sobre os mais diferentes povos, foi comprovado que até mesmo em ambientes similares ou iguais, há culturas totalmente divergentes. Além disso, as mesmas pesquisas esclarecem que também se faz possível coexistir culturas semelhantes em espaços geográficos opostos.

Laraia (1986, p. 14) ainda explica que não é necessário ir muito longe para constatar essas ideias, uma vez que “basta comparar os costumes de nossos contemporâneos que vivem no chamado mundo civilizado”. Ele apresenta exemplos como hábitos culinários que para algumas culturas são considerados iguarias e em outras repulsivas; até o ato do nudismo em praias europeias e a proibição de as mulheres dos países islâmicos mostrarem o rosto. E o autor completa: “todos estes exemplos [...] servem para mostrar que as diferenças de comportamento entre os homens não podem ser aplicadas através das diversidades somatológicas ou mesológicas” (p.16). Ele ainda cita o antropólogo Alfred Louis Kroeber para melhor compreensão:

Não é preciso argumentar para provar que algumas coisas de nossas vidas e constituição provêm da natureza pela hereditariedade, e que outras coisas nos chegam através de outros agentes com os quais a hereditariedade nada tem a ver. Não apareceu ninguém que afirmasse ter um ser humano nascido com o conhecimento inerente da tábua de multiplicação, nem, por outro lado, que duvidasse que os filhos de um negro nascem [sic] negros pela atuação de forças hereditárias. Contudo, certas qualidades de todo indivíduo são claramente sujeitas a debate e quando se compara o desenvolvimento da civilização como um todo, a distinção dos processos envolvidos apresenta muitas falhas (KROEBER, 1949, citado por LARAIA, 1986, p. 38).

Terry Eagleton (2005, p. 14) também sustenta esta tese ao afirmar que “os seres humanos não são meros produtos de seus ambientes, mas tampouco são esses ambientes pura argila para a automodelagem arbitrária daqueles”.

Outro autor que também acredita que a biologia nada tem a ver com a cultura é Stuart Hall (2006, p. 48). Ele explica que na verdade o que ocorre é um pensamento de que a cultura está diretamente ligada à natureza de cada pessoa, uma vez que “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação”. Ele completa que o sujeito moderno precisa ter essa sensação de identificação e pertencimento nacional para não possuir um sentimento de perda.

Hall (2006, p. 49) ainda chama a atenção para o fato de que o indivíduo só sabe identificar o que é ser de uma nacionalidade, por exemplo, inglesa, devido ao modo como ela é representada. “Uma nação não é apenas uma identidade política, mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural. [...] Elas participam da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional”.

Mas, a lógica sobre o que é cultura nem sempre foi assim. Os estudos sobre o termo datados ainda no século XVIII, conforme já mencionado acima, a partir das ideias do antropólogo Edward Tylor (citado por LARAIA, 1986, p. 25), apresentam a cultura como um “complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábito adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.

Além de Tylor, Laraia (1986, p. 34) apresenta outros antropólogos que também sustentavam linhas ideológicas que possuíam este mesmo pensamento, como John Locke e Turgot Rousseau. Esses acreditavam que “a cultura desenvolve-se de maneira uniforme, de tal forma que era de se esperar que cada sociedade percorresse as etapas que já tinham sido percorridas pelas sociedades mais avançadas”. Ou seja, para eles, a cultura estava inserida em uma escala de civilização.

A partir dessas teorias, novas pesquisas foram sendo realizadas e ganhando ainda mais destaque ao longo do século XIX. A teoria da Escola Cultural, do alemão Franz Boas, foi uma delas. Segundo Laraia (1986), o antropólogo sustentava que a cultura acaba seguindo os próprios caminhos em função dos diferentes eventos históricos que vai enfrentando.

Já o americano Alfred Kroeber dedicou-se a complementar esta afirmação, apresentando como a cultura atua sobre as pessoas, de maneira que esta seria um meio de adaptação do homem em relação aos diferentes meios ecológicos. Segundo Laraia (1986, p. 36), Kroeber ainda sustentava que “graças à cultura, a humanidade distanciou-se do mundo animal. Mais do que isso, o homem passou a ser considerado um ser que está acima de suas

limitações orgânicas”. Nesse sentido, confirma-se que o comportamento do homem nada tem a ver com determinismo biológico ou geográfico, mas sim a padrões culturais herdados por antepassados no meio ao qual está inserido. Por isto, Laraia (1986, p. 45) afirma:

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação permite as inovações e invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado de toda uma comunidade.

Nesse sentido, Laraia (1986) esclarece como nenhuma pessoa é capaz de participar inteiramente da própria cultura, sendo esta limitada. Isso se dá, na medida em que algumas culturas limitam ações somente aos homens e outras às mulheres. Há localidades no mundo onde o indivíduo do sexo feminino é destinado apenas aos trabalhos julgados caseiros, sendo o restante considerado inconveniente a elas.

Além deste ponto de vista, ainda há outros estudiosos que enxergam a cultura de forma ampla. Telenia Hill (2006, p. 42) é uma dessas opiniões. A autora acredita que a cultura pode ser separada em três categorias distintas, conforme as ideias de Félix Guattari, sendo elas a cultura-valor, cultura-alma coletiva e cultura-mercadoria.

A cultura-valor é caracterizada por todo conhecimento adquirido pelo indivíduo desde o seu nascimento até a inserção na sociedade. Já a cultura-alma coletiva está enraizada na sociedade, ou seja, são os costumes que cada comunidade crê. Por outro lado, a cultura-mercadoria, diferente das anteriores, está relacionada com o sistema ao qual está inserida e em como é consumida. Hill (2006, p. 42) ainda afirma que “apesar da sucessividade temporal do sentido da cultura, concluir-se-á por uma complementaridade entre as três acepções”.

Por fim, para Laraia (1986, p. 63), delimitar o conceito de cultura é uma tarefa dura, pois “uma compreensão exata do conceito de cultura significa a compreensão da própria natureza humana, tema perene da incansável reflexão humana [...]. Os antropólogos sabem de fato o que é cultura, mas divergem na maneira de exteriorizar este conhecimento”. Talvez, por isso, ainda haja tantas dúvidas ao redor da explicação do que de fato é a cultura e ainda será muito debatido, estudado e repensando tais conceitos.

2.2 Comunicação e cultura

Diversas teorias da comunicação estão totalmente interligadas à cultura. Por isso, em determinado ponto da década de 1950, na Inglaterra, nascem os Estudos Culturais. Esses modelos, segundo as ideias de Felipe Pena (2012, p. 123), “tratam da análise, compreensão e

interpretação das diversas formas de expressão cultural de um povo”, sendo assim um estudo da cultura de uma determinada sociedade.

De acordo com Escosteguy (2001, p. 152), foi por meio do chamado *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), que os pesquisadores Richard Hoggarts, Raymond Williams e Edward Palmer Thompson deram início a esses estudos. Para Luis Mauro Sá Martino (2014, p. 245), a expressão Estudos Culturais também está ligada a “ideias e metodologias do estudo e na compreensão dos fenômenos culturais”. E, para Escosteguy (2001, p.159), esses estudos são caracterizados por “uma área onde diferentes disciplinas interatuam, visando o estudo de aspectos culturais da sociedade”.

De acordo com Martino (2014, p. 245), os Estudos Culturais surgem com base em ideias de Marx, Gramsci, Althusser, Lukács, Roland Barthes e Foucault, em um momento em que a televisão estava começando a se consolidar, época em que os termos alta cultura e cultura popular começariam a cair em desuso. “Os Estudos Culturais elegeram como objeto temas negligenciados pelas práticas acadêmicas de sua época, da cultura popular à cultura de massa”. Ou seja, o assistir novelas, seriados, programas de auditório ou o cinema de Hollywood deixam de ser vistas como uma cultura mais baixa e passam a chamar a atenção justamente por encantar a grande massa.

Nos trabalhos de Hoggart, citados por Escosteguy (2001, p. 153-155), o foco das pesquisas são os materiais da cultura popular, “a vida cultural da classe trabalhadora”. Ele tenta entender como o indivíduo usa a informação adquirida na própria rotina, ou seja, se este faz uma comparação ou não com o que já viveu no cotidiano.

Williams, citado por Martino (2014, p. 247), apresenta a cultura como um elo importante para se comparar a análise literária com a investigação social, e assim, mostrar mais do “pessimismo em relação à cultura popular e aos próprios meios de comunicação”. Martino (2014, p.247) relata que o objetivo do autor é “mostrar como o conceito de cultura perdeu o sentido de cultivo, para designar o estado geral ou hábito da mente, o estado de desenvolvimento intelectual de uma sociedade, pensada como um todo”. Em suma, as pesquisas de Williams também têm relação em como as pessoas usam as informações da cultura no cotidiano, mas este em como é usada as “mensagens na vida cotidiana de indivíduos vinculados à comunidade”.

Já Thompson, também citado por Martino, acreditava que a cultura era nada menos que “uma rede vivida de práticas e relações que constituíam a vida cotidiana, dentro da qual o papel do indivíduo estava em primeiro plano”. Também de acordo com Martino (2014, p. 247), para o pesquisador, um ato como tomar uma cerveja em um bar é capaz de definir a

classe trabalhadora. “A cultura não era apenas arte [...] mas todas as práticas que davam a identidade para um grupo – no caso, a classe trabalhadora”.

A partir desses três pensamentos, outros pesquisadores acabaram adentrando o tema, entre eles Stuart Hall, que ressalta:

Eles não foram, de forma alguma, livros didáticos para a fundação de uma nova subdisciplina acadêmica: nada poderia estar mais distante de seu impulso intrínseco. Quer fossem históricos ou contemporâneos em seu foco, tais textos eram, eles próprios, focalizados pelas pressões imediatas do tempo e da sociedade na qual foram escritos, organizados através delas, além de serem elementos constituintes de respostas a essas pressões (HALL, 1996, citado por ESCOSTEGUY, 2001, p. 154).

Para Hall (2003, p.123), a cultura “continua complexa – um local de interesses convergentes, em vez de uma ideia lógica ou conceitualmente clara”. Ele ainda acredita que há duas maneiras de conceituá-la, baseadas nos estudos de Raymond Williams. A primeira está relacionada “à soma das descrições disponíveis pelas quais as sociedades dão sentido e refletem as suas experiências comuns”. E, a segunda maneira “ênfatisa o aspecto de cultura que se refere às práticas conceituais”. É a partir dessa que um significado mais simples sobre o que é a cultura, nasce.

O autor ainda sustenta que essa discussão entre os dois pontos é responsável por definir a teoria da cultura como “o estudo das relações entre elementos de um modo de vida global”. E completa que “a análise da cultura é, portanto, a tentativa de descobrir a natureza da organização que forma o complexo desses relacionamentos” (HALL, 2003, p. 128).

Hall foi o responsável por estudar o desempenho da mídia, como um público completamente diferente recebia, decodificava e compartilhava as informações transmitidas por esta. Tudo isso estaria ligado à própria bagagem que o indivíduo possuía, uma vez que “cada faixa desse público poderia decodificar a mensagem de sua própria maneira podendo concordar, se opor ou contra-argumentá-la, acolhendo-a ou rejeitando-a” (PENA, 2012, p. 125).

O que se pode concluir, mesmo que os três autores possuam explicações diferentes, mas com a raiz no mesmo tema, é que alguns conceitos sobre os Estudos Culturais foram definidos a partir destas. Entre eles está o importante passo que foi dado no momento em que deixaram a legitimidade cultural de lado e passaram a dar atenção às formas culturais não tradicionais, transformando-se assim em uma atividade crítica ao analisar essas produções. (ESCOSTEGUY, 2001, p.157).

Entre essas ainda estão, de acordo com Martino (2014, p. 247-248): 1) “compreender a comunicação é compreender os usos feitos pelo indivíduo diante da mídia”;

2) “a cultura popular é uma das responsáveis pela articulação de identidades cotidianas na medida em que é um dos principais elementos de definição no mundo”; e 3) “a preocupação em compreender a apropriação da cultura de massa pelos receptores, o que implica em compreender as relações existentes na oposição entre as culturas”.

Escoteguy (2001, p. 155), citando Storey (1997), conclui que:

O que os une é uma abordagem que insiste em afirmar que através da análise da cultura de uma sociedade é possível reconstruir o comportamento padronizado e as constelações de ideias compartilhadas pelos homens e mulheres que produzem e consomem [...] as práticas culturais daquela sociedade.

Martino (2014, p.250) ainda acrescenta, com as ideias de Hall, que os Estudos Culturais, assim como o conceito de cultura, visto anteriormente, segue se adaptando e em constante mudança: “estão em permanente construção agregando ideias, teorias e métodos – para compreender e não fechar o assunto”.

Sabe-se, a partir das ideias de Escoteguy (2001, p. 162) que o universo feminino está em relação direta com as questões culturais, uma vez que ainda durante a década de 1970, quando mais uma onda do feminismo transcende, foi o responsável por causar grandes mudanças nas teorias culturais. Para melhor compreender como esses dois assuntos caminham lado a lado, é preciso discutir a história do feminismo.

3 O Universo Feminino

3.1 Mulher e sociedade pelo olhar de Simone de Beauvoir

É sabido que, culturalmente, o homem sempre foi superior à mulher. Alguns estudos apontam que o único momento na história da humanidade em que ambos estiveram lado a lado em igualdade foi durante a chamada Idade da Pedra. De lá para cá muita coisa mudou e, atualmente, segundo Simone de Beauvoir (2016, p.17), “esse mundo é ainda um mundo que pertence aos homens”. Para melhor compreender como tudo isso aconteceu, é necessário retomar alguns pontos da construção da sociedade.

Desde séculos passados há registros de pensamentos sobre o papel da mulher. Beauvoir (2016, p.19) trouxe como exemplos declarações de Santo Agostinho, datadas do século XVI, que acreditava ser “a mulher um animal que não é nem firme, nem estável”. Mais à frente, foi a vez do filósofo Montaigne compartilhar uma ideia diferente, não as defendendo verdadeiramente, mas já mesclando as opiniões de que “não carecem de razão as mulheres quando recusam as regras que se introduziram no mundo, tanto mais quando foram os homens que as fizeram sem elas” (citado por BEAUVOIR, 2016, p.19).

Beauvoir (2016) ainda chama atenção para o fato de que a divisão dos sexos, na verdade, é um efeito biológico e não um momento na história humana. Ou seja, o problema de superioridade entre os sexos já nasce com a mulher, pois:

por mais longe que se remonte na história, sempre estiveram subordinadas ao homem: sua dependência não é consequência de um evento ou uma evolução, ela não aconteceu [...] a mulher sempre foi, se não a escrava do homem, ao menos sua vassala; os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições (BEAUVOIR, 2016, p.15-17).

Em determinado momento chegou-se a considerar que o homem tinha mais importância no processo reprodutivo do que a mulher. Aristóteles, por exemplo, e de acordo com Beauvoir (2016), acreditava que a mulher fornecia material passivo, sendo o homem o portador da força, movimento e a vida no geral. Hipócrates, considerado pai da medicina, também acreditava em hipóteses relacionadas às ideias de Aristóteles. Para ele, existem duas espécies de sêmens, uma fraca, sendo esta a feminina, e uma forte, a masculina. Beauvoir (2016, p. 60) destaca que com o passar dos séculos essas ideias sobre a biologia vão perdendo força, porém

os estudos sobre a reprodução são chaves para entender a mulher. Mas o que recusamos é a ideia de que constituem um destino imutável a ela. Não bastam para definir a hierarquia dos sexos; não explicam porque a mulher é o Outro; não condenam a conservar para sempre essa condição subordinada.

Já o matemático Pitágoras chegou a afirmar que a mulher era voltada para o mal, comparando os princípios bom e mau, sendo o primeiro o criador da “ordem, a luz, o homem” e o segundo, respectivamente, criador do “caos, as trevas e a mulher” (BEAUVOIR, 2016, p. 116).

As religiões da época também pregavam ideias que mostravam a inferioridade da mulher. No cristianismo ela era apresentada como uma tentação do próprio demônio. O livro bíblico Levítico chega a compará-las com “animais de carga que o patriarca possui” (BEAUVOIR, 2016, p.116). O Alcorão, livro sagrado dos muçulmanos, trata as mulheres com desprezo; o código romano as proclama como imbecis; e as leis de Sólon não as oferecem sequer um direito tal qual faz com os homens.

Já nas grandes sociedades como a de Roma, as mulheres, ainda de acordo com Beauvoir (2016, p. 123), possuíam o único trabalho de servir, sendo escravizadas ao patrimônio e excluídas de qualquer outra atividade. No Egito, a realidade feminina já era um pouco diferente e, por lá, “a mulher surge como aliada e complementar do homem” (p. 122).

As regras impostas à mulher não sofreram drásticas mudanças entre os séculos XV e XIX, e em algum momento entre esses quatrocentos anos “a liberdade e a

independência da mulher aumentam”, de acordo com Beauvoir (2018). Mesmo assim, os costumes da obrigatoriedade do casamento ou uma vida dedicada à religião continuam severos. Foi apenas no século XIX que a mudança realmente aconteceu, “a grande revolução que [...] transforma o destino da mulher e abre, para ela, uma nova era” (BEAVOUIR, 2018, p. 165).

3.2 O movimento feminista

Com a chegada da Revolução Industrial ainda no século XIX, as primeiras reivindicações feministas por parte das mulheres têm início. Mesmo ainda longe de pôr um fim nos pensamentos que declaram a mulher como o sexo inferior, a luta por direitos mais igualitários tem início. Como consequência, os homens, mais do que nunca, exigem a presença feminina no lar e não no campo de trabalho, por exemplo. Para Beauvoir (2016, p. 21), isso acontece porque “a burguesia conservadora continua a ver na emancipação da mulher um perigo que lhe ameaça a moral e os interesses. De acordo com as ideias de Wolf (2018, p. 51), certos homens temem a concorrência feminina”, além de tratar “do medo de que a força de uma concorrente direta de energia feminina [...] destrua o delicado equilíbrio do sistema”.

Mesmo os homens sendo provedores de todas as coisas importantes, podendo ser considerados dominadores, de acordo com as ideias de Muraro (1995, p. 83), esta condição recaí inteiramente sobre as mulheres, uma vez que elas eram educadas “para uma extrema castidade e vergonha do corpo, e treinadas nos trabalhos domésticos”. Ditar as regras para as elas não durou muito tempo e já nas décadas seguintes a realidade finalmente começa a mudar. As mulheres começam a sair de casa para ganhar as ruas e lutar para “serem reconhecidas como existentes ao mesmo título que os homens”, como declara Beauvoir (2016, p.100). Aos poucos as mulheres foram conquistando o que já deviam ser seu por direito, a oportunidade ao voto, a educação superior, direitos legais e reprodutivos, e de acordo com Wolf (2018, p.25) “entraram para o mundo dos negócios e das profissões liberais e derrubaram crenças antigas e respeitadas quanto ao seu papel social”.

Segundo os estudos de Beauvoir (2016, p. 170), em 1906, 42% das mulheres com idades entre 18 a 60 anos estavam empregadas nas mais diferentes áreas, desde a agricultura, indústria, comércio, banco e até em escritórios. Parecia que a sociedade estava abrindo os olhos e acordando para o fato de que as mulheres também mereciam ditar as próprias escolhas. Mas, de acordo com pesquisas de Beauvoir (2016, p.186-194), isso não durou muito, uma vez que os pais seguiam educando as filhas com o intuito de um futuro aliado ao

casamento e não favorecendo o desenvolvimento pessoal. Assim, plantando novamente o ciclo vicioso, o desejo de encontrar um marido e conseqüentemente, sendo o casamento “para elas uma carreira das mais honrosas e que as dispensa de qualquer outra participação na vida coletiva”.

Logo, de acordo com as pesquisas de Friedan (1971, posição 57), as mulheres da grande potência mundial, os Estados Unidos, foram convencidas não somente pela sociedade, mas principalmente pelas indústrias da época, a abandonar as próprias carreiras e voltar a se dedicar as atividades domésticas. “Sua atuação fora de casa é desvalorizada e revalorizada ao máximo a sua feminilidade, a sua maternidade, como se participar da construção da sociedade fosse incompatível com sua condição de mulher”. Isso se deu pela necessidade das grandes indústrias ativarem o consumo de produtos em massa e, porque não usar as mulheres, uma vez que podem usufruir de itens em vestuários tão como comodidades domésticas? Assim, segundo Beauvoir (2016, p.17), os homens passaram a ter situações ainda mais vantajosas, desde “salários mais altos, maiores possibilidades de êxitos [...], ocupam maior número de lugares e os postos mais importante”.

Para Friedan (1971, posição 153), “a mulher verdadeiramente feminina não deseja seguir carreira, obter educação mais aprofundada, lutar por direitos políticos e pela independência e oportunidade que as antigas femininas pleiteavam”. As jovens da atual década preferiam encontrar o verdadeiro amor e seguir a maternidade, “encontrando assim a sua verdadeira realização feminina” (posição 190).

E, essa condição seguiu as décadas após a Segunda Guerra Mundial, até que em 1960 um pensamento começa a tomar conta dessas mulheres – as mesmas que anteriormente haviam lutado por seus direitos, porém foram coagidas a desistirem deste ideal –, de que algo não estava certo, faltava, e a vida formada pela casa, marido e filhos já não satisfazia mais. Chamada por Friedan (1971, posição 242) de a *Mística Feminina*, ali estourava uma das maiores crises da época envolvendo as mulheres, que ocuparam diversas capas de revistas com chamadas do tipo “*A dona de casa prisioneira*” e foram alvos de muitas entrevistas, conforme citadas por Friedan (1971, posição 242-260):

Experimentei tudo que se espera das mulheres – hobbies, jardinagem, contato social com os vizinhos [...], sei fazer tudo isso e até gosto, mas nada me dá algo para pensar. Nada me diz quem sou eu. Nunca tive ambições de seguir uma carreira. Só queria casar e ter quatro filhos [...] Não tenho problemas que valha mencionar. Mas vivo desesperada. Começo a achar que não tenho personalidade. Sou copeira, babá, arrumadeira, a pessoa requisitada para qualquer coisa. Mas, quem sou eu?

Alguns homens, conforme estudos de Friedan (1971, posição 282), chegaram a acreditar que o direito ao voto deveria ser retirado da mulher, uma vez que seriam essas responsabilidades as causadoras da crise da mística feminina: “A mulher tem que tomar todas as decisões, tanto domésticas como políticas, isso é demais para elas”. Ou, tentavam comparar a vida entre o homem e a mulher, sendo este o infeliz e ela dona dos próprios horários e de si mesma. Até discussões acerca de proibir os estudos superiores às mulheres foram trazidos à tona, já que ocupadas em serem donas de casa não haveria serventia alguma anos desperdiçados em uma faculdade. Tentaram a todo o custo colocar a culpa na perda da feminilidade, mas, para Friedan (1971, posição 428), a mística feminina veio para ser a solução de todos os problemas, sendo até mesmo “a chave de nosso futuro como nação e como cultura” e a responsável por permitir e incentivar “na mulher a ignorância da questão de sua identidade”.

O fim da mística feminina e o renascimento do feminismo foi só acontecer no início dos anos 1970, quando as mulheres, após anos de silêncio e manipulação, ganharam novamente as ruas. Mas, segundo Wolf (2018, p.26), novas amarras foram criadas e com elas o *Mito da Beleza* surgiu. “À medida que as mulheres se liberaram da Mística Feminina da domesticidade, o mito da beleza invadiu esse terreno perdido, expandindo-se enquanto a mística definhava, para assumir sua tarefa de controle social”.

Para Wolf (2018), o mito da beleza nada mais é que um ideal de beleza apresentado pela mídia e a ser seguido por todas as mulheres. Eles ditam a moda e elas a seguem. Corpo magro, pele clara, cabelos lisos, virgindade: a mulher perfeita. Para a autora, o mito é uma “consequência de algo não mais elevado do que a necessidade da cultura, da economia e da estrutura do poder contemporâneo de criar uma contraofensiva contra as mulheres” (p. 30). Naquele momento, novamente, “o feminismo se tornará um palavrão. Partia-se do pressuposto de que mulheres que reclamavam do mito da beleza tinham, elas sim, algum defeito” (p. 15).

Atualmente essa visão está cada vez mais esquecida, e, de acordo com filósofo Lipovetsky (2000, p.263), a presença feminina nas universidades tem ganhado mais espaço, sendo que, para ele, “as moças penetram cada vez mais nos bastiões tradicionalmente reservados aos rapazes e representam quase metade dos efetivos das escolas de comércio”. Mas, por outro lado, de acordo com estudos do Instituto Humprey de Questões públicas, e citados por Wolf (2018, p. 41-43), as mulheres somam mais de 52% da população, compõem a maioria, mas mesmo assim, ainda cumprem apenas “dois terços do total de horas de

trabalho, recebem apenas um décimo da redá mundial e possuem menos de 1% das propriedades”.

Esse tipo de acontecimento ainda ocorre, segundo Beauvoir (2016, p.105), porque “a sociedade sempre foi masculina e o poder político sempre esteve nas mãos dos homens”. Muraro (1995) também compartilha dessa opinião, sendo que, para a autora, a divisão dos sexos, com o poder exclusivo aos homens, está intrínseca na sociedade até os dias de hoje. Por isso, para alguns se faz tão difícil pensar em uma organização diferente. Adichie (2015, p. 16), por sua vez, acredita que esta luta ainda é complicada, pois os exemplos de que os homens são superiores as mulheres continuam. “Se só os homens ocupam cargos de chefia nas empresas, começamos a achar normal que esses cargos de chefia só sejam ocupados por homens [...] se repetimos uma coisa várias vezes, ela se torna normal”.

E para mudar essa situação, de acordo com Wolf (2018, p. 38), “se quisermos nos livrar do peso morto em que mais uma vez transformaram nossa feminilidade, não é de eleições, grupos de pressão ou cartazes que vamos precisar primeiro, mas, sim, de uma nova forma de ver”. Adichie (2015, p.50) ainda completa que é necessário resolver este problema de gênero, essas diferenças acerca dos sexos, “todos nós, mulheres e homens, temos que melhorar”.

Os estudos da área mostram que muito já foi feito até aqui, as mulheres conquistaram direitos antes inimagináveis, mas “a luta tem sido contínua e continuará sendo longa, difícil e por vezes feia, e a reação contra o feminismo continua feroz, vigora e onipresente; mas ela não está vencendo” (SOLNIT, 2017, p. 174). É preciso saber que enquanto existir lugares em que a cultura não favorece essas mulheres, há a necessidade de continuar repensando atitudes, mudando opiniões e lutando para que a igualdade entre os gêneros seja estabelecida a todos.

4 Análise dos dados

Entre os episódios a serem analisados estão o primeiro, sexto e décimo da primeira temporada, denominados, respectivamente, *Offred*, *A Woman's Place* e *Night* – em português, por tradução do serviço de streaming Globo Play, *Offred*, *Um Lugar de Mulher* e *Noite*. Também de acordo com as sinopses disponíveis no Globo Play, no capítulo *Offred*, é possível acompanhar a personagem principal da série em uma luta para sobreviver como substituta reprodutora de um poderoso Comandante. Em *A Woman's Place*, uma embaixadora mexicana visita Gilead e questiona Offred sobre sua vida como Aia, além de fazer com que

Serena Joy reflita sobre o próprio papel nesta sociedade. E em *Night*, as Aias enfrentam uma decisão brutal.

4.1 – Primeiro episódio: *Offred*

Em uma das cenas iniciais do primeiro episódio, intitulado *Offred*, a personagem, até então desconhecida, está junto com um homem e uma criança fugindo em um carro. Com as estradas repletas de gelo, conter a direção parece difícil e logo um acidente envolvendo o veículo acontece. Ao continuar a corrida contra quem os está perseguindo, a mulher e a criança entram em uma floresta, deixando o homem para trás, a pedido do mesmo. Após o que parecem ser poucos minutos, tiros são escutados e logo homens armados e uniformizados conseguem chegar a até mãe e filha.

Já neste primeiro momento, percebe-se que o uso da força e violência marca o ambiente no qual a série está inserido, uma vez que nos acontecimentos a seguir os militares arrancam a criança dos braços da mãe, em meio a diversos pedidos de súplicas para que os mesmos não o façam (Figura 1). E após êxito, desferem diversas pancadas na mulher para contê-la.

Figura 1: A violência no episódio *Offred*



Fonte: *The Handmaid's Tale* (2017).

June estava tentando fugir junto de sua família do território norte-americano. Sem sucesso na fuga, o paradeiro do marido e da filha acaba sendo incerto e ela é levada diretamente para *Centro Raquel e Lea*. Quase que imediatamente todo o processo de conhecimento dessa identidade cultural a ser imposta pelos governamentais da República inicia por meio de um treinamento com diversas outras mulheres. Lá elas aprendem o que será

a sua nova cultura com costumes, crenças e leis baseadas em ideias do passado há muito consideradas vencidas.

É exatamente durante um desses processos, já no decorrer da narrativa, que uma das Aias nega-se a acreditar no que está acontecendo. Logo após escutar que a partir daquele momento elas iriam servir aos *líderes dos fiéis e as esposas estéreis*, a jovem Janine debocha da situação. Como punição, novamente o uso da violência é explorado e a garota tem um dos olhos arrancados (Figura 2). Este é um dos inúmeros castigos aplicados à população, entre eles ainda há decapitação de membros como dedos e braços, mutilação da genital, espancamento nas partes inferiores das pernas e outras escoriações pelo corpo.

De acordo Solnit (2017, p.17), “a violência é uma maneira de silenciar as pessoas, denegar-lhes a voz, a credibilidade, de afirmar que o direito de controlar vale mais do que o direito delas de existir, de viver”. Além disso, é possível perceber na produção que a violência imposta a essas mulheres nem sempre é física, e muitas vezes permanecem dentro dos próprios pensamentos. Afinal, com tantas regras e sem saber o que pode acontecer com elas a qualquer momento, a violência psicológica acaba também fazendo parte do dia a dia das mulheres.

Figura 2: A violência no episódio Offred



Fonte: *The Handmaid's Tale* (2017).

Ainda no primeiro episódio é possível acompanhar um processo tal como uma lavagem cerebral, onde são ensinadas que a maioria dos males do antigo mundo era, de certo modo, culpa das mulheres. Em uma cena, a personagem Janine está sentada no meio de um círculo relatando às outras Aias como foi estuprada por três homens em uma noite. Ao ser

questionada por Tia Lydia² de quem era a culpa, a garota não sabe ao certo o que responder e todas as Aias presentes no ambiente apontam e afirmam que a culpa por aquele abuso é da própria vítima (Figura 3).

Também para a autora Solnit (2017, p. 168), é comum, mesmo nos dias atuais, que a sociedade deposite a culpa por um estupro na própria vítima, sempre no sentido da mulher provocar o agressor, por meio das roupas, maquiagem ou a postura. “Muitas mulheres são acusadas [...] de que algo que fizemos ou dissemos ou vestimos, ou apenas a nossa aparência geral, ou o fato de sermos mulheres havia excitado desejos que nós tínhamos, portanto, a obrigação contratual de satisfazer. Nós devíamos isso a eles”. E, como visto nos estudos do percurso histórico da mulher na sociedade, por meio das pesquisas de Beauvoir (2016), ideias como essas, de que as mulheres seriam as responsáveis por despertar o pior do homem, uma vez que elas, de acordo com declarações de Santo Agostinho, não seriam firmes em suas próprias decisões, existem antes mesmo da Idade Contemporânea.

Figura 3: A violência psicológica



Fonte: *The Handmaid's Tale* (2017).

Além de violentadas, humilhadas e ensinadas a julgar umas às outras, no *Centro Raquel e Lea* as mulheres designadas a serem Aias são adestradas tal como seria um cachorro. Todas as atividades ensinadas por Tia Lydia, desde a como se portar perante as famílias dos comandantes e o processo da cerimônia, por exemplo, tem como finalidade transformar essas mulheres em uma máquina de reprodução e arrancarem uma a uma a própria identidade.

Friedan (1971, posição 1240) chama a atenção para como durante a mística feminina, e até mesmo décadas antes, a sociedade não esperava que a mulher evoluísse a

² Mulher responsável por doutrinar as mulheres designadas a serem Aias.

ponto de escolher ter uma própria identidade. Para eles, “a anatomia é o destino da mulher [...] a personalidade feminina é determinada por sua condição biológica”. E, é exatamente isso que os poderosos de Gilead acreditam, sendo a condição da mulher apenas como um ser reprodutivo e nada mais.

Em uma cena do episódio um, ainda durante o treinamento das Aias, Tia Lydia afirma que as novas ideias se tornarão normais: *Mas o normal é apenas algo com que já se acostumaram. Talvez isso não pareça normal agora, mas, depois de um tempo, vai parecer. Isso vai se tornar normal.* Entre as personagens com maior visibilidade de aceitação desta condição é Janine. Como mencionado anteriormente, Ofwarren – como também é conhecida ao longo dos episódios –, não aceitava a ideia de ser uma Aia, mas, aos poucos e por meio de muita manipulação, acaba sendo coagida e tornando-se até mesmo uma das favoritas de Tia Lydia.

Conforme os pensamentos de Adichie (2015, p.16), quando um acontecimento é apresentado e reforçado diariamente, torna-se rotineiro, ou seja, “se vemos uma coisa com frequência, ela se torna normal”. Na mesma linha de pensamento, Laraia (1946) cita o antropólogo Alfred Kroeber, que acreditava que o homem é capaz de adaptar-se à cultura nos mais diferentes meios, sendo exatamente isto o que acontece com a personagem Janine.

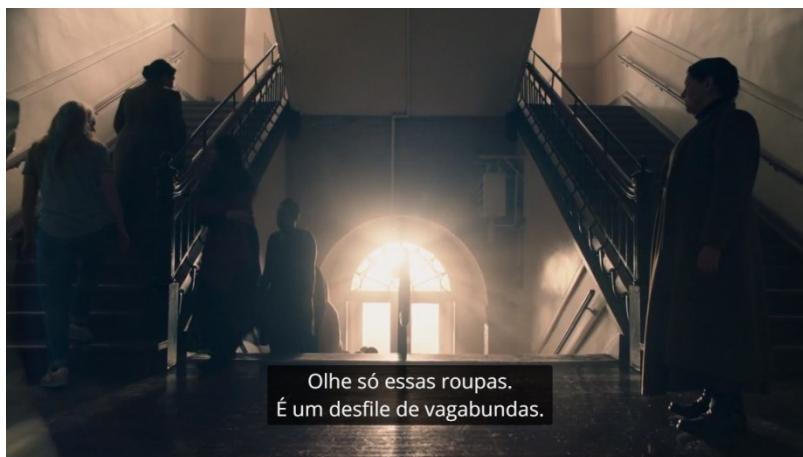
Ainda na República de Gilead todas as mulheres, sem exceções, são proibidas de ler e, conseqüentemente da prática da escrita. Os livros são guardados nos escritórios dos comandantes, onde nem mesmo as esposas têm a entrada permitida sem acompanhamento; as placas de sinalização foram retiradas e as dos comércios restantes tiveram as letras substituídas por desenhos que representem o que lá vende. Elas ainda são representadas pelas vestimentas, tendo cada uma que vestir o que é designado, consideradas, aos olhos das novas ideias, roupas decentes quando comparadas às usadas anteriormente (Figura 4).

De acordo com Beauvoir (2016, p. 122), o mesmo já aconteceu durante a história, quando as mulheres romanas eram escravizadas ao patrimônio, ou seja, viviam para servir a família, não podendo ter um trabalho ou uma carreira. “A mulher passa a existência na incapacidade e na servidão [...] excluída dos negócios públicos, todo ofício viril lhe é rigorosamente proibido; e, em sua vida civil, é ela uma eterna menor”, tal como as mulheres de Gilead.

Os castigos severos por infrações às regras impostas em Gilead também recaem sobre qualquer mulher dessa sociedade, novamente, não importando a sua classe. Além disso, elas possuem suas funções distintas, mas todas estão ali por um bem maior, servir a casa e obedecer às regras impostas pelos homens. Mas, todas essas regras não recaem sobre eles,

assim, mais uma vez, trazendo o pensamento de Laraia (1986), que afirma que nenhuma pessoa consegue participar ativamente da própria cultura, pois em diversas sociedades ações são limitadas aos homens e outras às mulheres.

Figura 4: Roupas consideradas indecentes



Fonte: The Handmaid's Tale (2017).

Divididas em classes, as mulheres de Gilead são denominadas de não mulheres, Marthas, Tias, Econowives, Aias ou Esposas. As não mulheres (Figura 5) são declaradas todas aquelas incapazes de integração social dentro das rigorosas divisões de gênero imposta por essa sociedade, entre elas estão às mulheres estéreis, viúvas, feministas, homossexuais e religiosas. Diferente de todas as outras classes, as não mulheres não podem viver em sociedade e são exiladas às colônias, áreas com alta radiação. As Marthas são como governantas, responsáveis por atender domesticamente as famílias dos comandantes e em sua maioria são inférteis ou não casadas, além de fazerem parte de minorias étnicas, como latinas ou afro-americanas, assim, mais uma vez, demonstrando a discriminação por parte de Gilead. Já as tias são responsáveis pelo treinamento e doutrinação das Aias, supervisionar os nascimentos e presidir algumas execuções. Podem ser identificadas pelo uniforme em tons de marrons, além de bastões de choque presos a cintura. Entre as divisões há ainda as chamadas Econowives, mulheres esposas de homens de baixa patente, podendo ser reconhecidas pelo uso de roupas mais puídas e com diversas cores.

Beauvoir (2016) afirma que ninguém nasce mulher e que na verdade torna-se uma, ou seja, nem mesmo as mulheres são necessariamente mulheres, são os processos dentro da sociedade que as transformam. Na história, a escritora Atwood traz características para essas classes que fazem com que as mulheres sejam consideradas de fato mulheres, assim

resultando no ideal de mulher perfeita para aquela sociedade, sendo esta exatamente uma mistura de Martha, Esposa e Aia.

Figura 5: Divisão de classes³



Fonte: *The Handmaid's Tale* (2017) – Elaboração da autora.

As esposas, por sua vez, estão entre as mulheres mais bem classificadas do país. Por serem casadas com homens de alto escalão de Gilead, são consideradas puras e, assim como os comandantes, também participam da cerimônia que culmina no estupro de uma Aia, com o intuito de gerar um filho para aquela família. Representadas pela cor verde (Figura 5), quanto mais forte o tom da cor, mais importante é aquela esposa. Mas, mesmo assim, todas as leis da República também recaem sobre elas. O fato de serem consideradas mais importantes dentro desta divisão nada altera a condição de oprimida e subjugadas pelos homens dessa sociedade. Serena Joy, uma das principais personagens da série, por exemplo, participou ativamente da elaboração do projeto do que seria a vir à República de Gilead.

Em Gilead, as regras são impostas a partir das relações e a posição a qual o indivíduo está inserido nesta sociedade, sendo a cultura deste lugar um mero produto do ambiente, já que, de acordo com os estudos de Hall (2016), essas novas ideias foram adquiridas e não compartilhadas desde o nascimento do indivíduo. Este é o caso de Gilead e toda a adaptação em volta desta nova identidade cultural, que é válida apenas dentro daquele território e até mesmo vista com repulsa nos países vizinhos, como o Canadá.

Além disso, esse poder compartilhado pela hierarquia de cargos restritos aos personagens do sexo masculino pode também ser relacionado à cultura-valor, das ideias de Hill (2016), que é ignorada em todo o contexto da série, uma vez que esta categoria, além de caracterizar todo o conhecimento do indivíduo, também tenta medir o quão culto é uma

³ Do lado esquerdo uma cena onde as não mulheres são citadas pela primeira vez. Já do lado direito, quatro Esposas reunidas em suas vestes em diferentes tons de verde.

peessoa, o que para eles é em vão, já que as mulheres podem ser mais bem informadas em diversos assuntos que os homens, mas, mesmo assim, serão ignoradas e excluídas.

4.2 Sexto episódio - *A Woman's Place*

No sexto episódio da primeira temporada, em cenas que retomam o passado – *flashback* –, é possível ver como os homens, ainda no processo para derrubar o governo dos Estados Unidos, já descartavam a participação da mulher, mesmo tendo partido delas muitas das leis que viriam a ser aplicadas.

Como visto nas ideias da Friedan (1971, posição 282-283), durante o período da mística feminina, era comum que os homens acreditassem que o fato de as mulheres atuarem no campo de trabalho ou acadêmico, eram os responsáveis por fazer as mesmas questionarem áreas antes dominadas por eles. Em alguns momentos dessa época, chegou-se a criticar o poder do voto e o direito aos estudos das mulheres, sempre com o pensamento que todo este conhecimento as deixavam confusas. Muraro que também apresenta fatos que consideravam a mulher “emocional, menos sublimada [...] e incapaz de assumir papéis econômicos e políticos, precisando portanto da proteção, orientação e supervisão dos homens”. Esta ideia é afirmada na série em uma cena envolvendo Fred Waterford e outro comandante, logo após descartarem a participação de Serena Joy em uma reunião, com o seguinte diálogo:

Tabela 1: Diálogo entre Fred Waterford e um comandante

COMANDANTE	- Ela ficou irritada?
FRED WATERFORD	- Não, só frustrada. Ela faz parte disso desde o começo.
COMANDANTE	- A culpa é nossa. Nós a sobrecarregamos. Focaram tanto nos interesses acadêmicos e na ambição profissional que esqueceram o verdadeiro propósito delas. Não vamos deixar isso acontecer de novo.

Fonte: Diálogo da série *The Handmaid's Tale* (2017).

Para a sociedade de Gilead, o verdadeiro propósito feminino é servir a casa, dar descendentes à família e seguir as regras ditadas pelo marido. Mais uma vez, essas ideias relembram os estudos sobre a mística feminina, conforme Friedan (1971, posição 148-153),

quando a população da época acreditava veemente que “a mulher verdadeiramente feminina não deseja seguir carreira, obter educação mais aprofundada, lutar por direitos políticos e pela independência” e que “não podiam desejar melhor destino do que viver sua feminilidade”. Esses conceitos são reforçados ao longo dos episódios analisados, uma vez que as mulheres não possuem voz e facilmente são descartadas quando os assuntos mencionados não são referentes à família, por exemplo.

De acordo com os estudos de Laraia (1986), acerca do determinismo geográfico como base para o entendimento da cultura, pensamentos como esses, de que a mulher deve viver exclusivamente para os afazeres domésticos familiares, ainda são comuns até mesmo nos dias atuais. Isso se dá, pois, mesmo que não seja a realidade na maioria dos estados do Brasil, onde as mulheres já possuem direito ao voto, oportunidades de trabalho e estudos, por exemplo, em algum estado de países com descendência islâmica, elas não podem sequer ir às escolas ainda quando crianças. Relacionando este ponto com a série, quando se faz essa comparação entre as culturas, entende-se como foi possível convencer parte da população de Gilead que as regras impostas a eles eram de certa maneira ideais.

Em outro momento, já no decorrer do episódio seis, uma embaixadora mexicana está visitando a República de Gilead, com o intuito de conhecer mais sobre as regras e o funcionamento dessa sociedade. O interesse na cultura de outras civilizações, de acordo com as ideias de John Locke e Turgot Rousseau, como citado por Laraia (1986), existe, pois entende-se que os países menos avançados tendem a percorrer os mesmos caminhos daqueles que já estão em outra escala de civilização, neste caso, Gilead. A visita da embaixadora Castillos tem por única finalidade o conhecimento e futuros acordos com a República, tendo até mesmo o interesse na comercialização das Aias.

Esse ponto traz à tona a transformação da mulher em produto, seja como escravas ou objetos de trocas. Em ambos os casos são representadas pelas Aias, que além de não possuírem o poder de escolha sob a própria vida, agora também se tornam objetos valiosos para a reprodução também em outros países. Essa dominação do corpo da mulher já aconteceu antes, ainda no século XIX, e é representado, segundo Wolf (2018, p. 32), também pelo mito da beleza. “Na década de 1849, foram tiradas as primeiras fotografias de prostitutas nuas. Anúncios com imagens de belas mulheres apareceram pela primeira vez em meados do século”. E a partir daí, a representação da mulher como um objeto não parou mais. Para se ter uma ideia, ainda de acordo com informações trazidas por Wolf (2018, p. 81), por meio de pesquisas da jurista Catharine A. MacKinnon, “as mulheres ganham mais ao vender seu corpo

do que ao vender sua capacidade”, sendo a prostituição uma das únicas profissões em que “as mulheres ganham regularmente mais que os homens”.

Na visita em questão, durante um bate-papo na sala dos Waterford, com comandantes e esposas, a embaixadora questiona o que as mulheres ali presentes pensam sobre os papéis que estão desempenhando. No desenrolar da conversa, outro questionamento surge: se elas, as esposas, imaginavam viver em uma sociedade na qual nem ao menos podem ler os livros desejados. Serena Joy é a responsável por tentar responder, mais uma vez se mostrando submissa a toda situação e envolvendo a religião como alicerce para sustentar aquelas ideias: *Não, eu não imaginava. Deus pede sacrifícios, Sra. Castillos. Sempre foi assim, mas Ele dá bênçãos aos íntegros em troca. E acho que posso dizer que Gilead recebeu muitas bênçãos.* O que é apresentado em cenas como essa é o fato de que nada importa quem ela a mulher foi durante o passado. Isso não dá direito a ter voz, todas as personagens femininas são reprimidas. Além de este ser mais um exemplo de como a mística feminina, tratada por Friedan (1971), atua, uma vez que estar em casa sem estudos ou carreira, apenas servindo ao marido e filhos satisfazem as mulheres dessa sociedade.

Já as Aias, em inglês *handmaids*, são uma das classes mais oprimidas, porém, ao mesmo tempo, também a mais importante, uma vez que são responsáveis por gerar as crianças de Gilead. Forçadas a tentar engravidar mensalmente durante seu período fértil, a escolha das mulheres para integrar este grupo se deu a partir daquelas que infringiram, no passado, alguma das novas regras impostas, como por exemplo, o adultério, sendo este o motivo que culminou na escolha de June a integrar o grupo das Aias.

Beauvoir (1970, p. 105) afirma que esse tipo de opinião já vem sendo explorada desde anos passados, por exemplo, com os “judeus da época bíblica”, onde os homens casados poderiam ser polígamos, mas, nos casos em que a mulher comete o adultério, esta é castigada. Ao longo dos estudos de Beauvoir (1970), ainda é possível ver que essas ideias recaíam sobre diversas sociedades entre elas as germânicas, romana e até mesmo durante a Idade Média.

As Aias passam por todo um processo de perda de identidade, desde a retirada do próprio nome até o controle imposto sobre todas as suas ações. Independentemente de quem foram antes da República Gilead, agora essas mulheres servem quase que exclusivamente como instrumentos de reprodução que devem responder apenas a seus comandantes, sem poder serem elas mesmas, extinguindo as próprias vontades e opiniões. Para se ter uma ideia, a sociedade da obra espera que essas mulheres gerem filhos e as esposas se tornem mães, mas, com ambas as classes, sem que explore o âmbito sexual. Durante a narração do livro na qual a

série é inspirada, a personagem Offred faz a seguinte comparação “somos úteros de duas pernas, apenas isso” (ATWOOD, 2017, p. 165). Ter prazer com o sexo é visto como luxúria e tentação, sendo o coito não um ato de prazer para a mulher e sim de procriação.

Beauvoir (1970, p. 60) traz a opinião do sexologista Marañon que declarava que “enquanto energia diferenciada, a libido é, pode-se dizer, uma força de sentido viril. Diremos o mesmo do orgasmo”. E ainda completando que “as mulheres que alcançam o orgasmo são mulheres virilóides”. Para completar, Beauvoir (1970, p. 60) ainda traz a reflexão do personagem Dom Cipriano na obra *A Serpente Emplumada*, onde este “cuida de que sua amante não alcance nunca o orgasmo: ela deve vibrar de acordo com o homem e não se individualizar no prazer”.

Esta descaracterização já tem início com os nomes, uma vez que estes agora passam a ser totalmente relacionados aos comandantes ao qual elas servem. O prefixo *Of* em Inglês tem como significado o pertencimento, ou seja, Ofglen, por exemplo, seria de Glen; e Offred, de Fred. Elas recebem um patronímico derivados do chefe da casa a qual estão servindo, e, quando chegar o momento de partir a outra família, o nome é deixado para trás e um novo é acolhido.

A retirada dessa identidade é mais um entre tantos artifícios que possuem como objetivo mostrar como as Aias são inferiores perante o restante dessa sociedade. Elas também são representadas pelo uso de vestidos longos e repletos de mangas, cobrindo a grande parte de pele exposta, sendo estes na cor vermelha, que procuram ainda significar a cor do sangue, portanto a vida.

De acordo com Hall (2006, p. 9), algumas mudanças estruturais ainda no fim do século XX foram responsáveis pela fragmentação das “paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais”. Na visão do autor, essas transformações são responsáveis por mudar também as identidades pessoais dos indivíduos e trazer à tona a falta de uma “sensação de si”, como cita Hall. Pode-se relacionar este ponto diretamente com as personagens Aias da série, que aos poucos vão perdendo a própria identidade, as opiniões e transformando-se em apenas um objeto de Gilead.

Essas mulheres também usam algo como uma viseira (Figura 6), na cor branca, que as impede de olhar livremente para os lados e com o intuito de esconder os seus rostos, conforme trecho descrito pela personagem Offred na obra de Atwood (2017, p.16). As toucas brancas “são destinadas a nos impedir de ver e também de sermos vistas”. Além das vestimentas, todas as Aias, ao chegaram ao Centro Raquel e Lea, são marcadas com um tipo

de tag vermelha na orelha (Figura 6), tal como os bois costumam ser identificados em uma fazenda.

Figura 6: Identificando uma Aia⁴



Fonte: *The Handmaid's Tale* (2017).

Além disso, as Aias ainda podem ser reconhecidas pela postura a qual são ensinadas, sempre de cabeça baixa perante a família do comandante (Figura 6) e outros funcionários da casa ou acompanhada de uma colega em todos os lugares aos quais é permitido ir (Figura 7), entre eles ao supermercado ou reuniões impostas pelas badaladas de um sino, com a explicação de que juntas estão mais seguras. Porém, ainda no primeiro episódio, June descreve que este motivo não passa de uma desculpa, uma vez que *a verdade é que observamos uma à outra. Ela é minha espiã, e eu sou dela*. Segundo as ideias de Wolf (2018), essa vigilância imposta a eles é mais um artifício para demonstrar o poder o qual essa sociedade tem sobre as mulheres e para que saibam que estão, a todo o momento, sendo vigiadas.

Figura 7: Aias sempre estão acompanhadas umas das outras



Fonte: *The Handmaid's Tale* (2017).

⁴ Do lado esquerdo uma Aia sem fazer contato visual durante o primeiro episódio e, ao lado direito, momentos antes de Offred/June ter a orelha marcada pega tag de identificação já no episódio de número seis.

4.3 – Décimo episódio - *Night*

No episódio dez, novamente o estigma social de que a mulher é a culpada pelos atos impróprios dos homens é reforçado. Durante uma cena na qual Serena Joy enfrenta Fred Waterford sobre uma suposta traição, ele afirma que ela, e somente ela, é a responsável por aquilo, uma vez que trouxe luxúria e tentação para o círculo pessoal deles, afirmando ainda que *Se eu pequei, a culpa é sua*. Nos estudos de Beauvoir (2016), a autora apresenta que pensamentos como esses eram comuns entre os séculos XVI e XIX, em que colocavam a mulher em posição de culpada pelos atos masculinos, sendo ela ‘um ser do mal’ como afirmaram alguns pensadores, por exemplo.

Além de depositar a culpa da infidelidade na própria esposa, Walterford ainda afirma que ela responde inteiramente e somente a ele, tendo assim que obedecer quaisquer regras impostas. Para Lipovetsky (2000), esse tipo de pensamento, no qual os homens se consideram superiores às mulheres, acontece, pois está totalmente ligado a como as crianças são ensinadas. É normal que a competitividade por poder seja aflorada com mais veemência nos meninos, assim ensinando desde cedo à desigualdade de gênero. Para Adichie (2015, p.27), esta desigualdade também está relacionada ao fato de que “perdemos muito tempo ensinando as meninas a se preocupar com o que os meninos pensam delas”.

Mesmo com tantas regras e o medo constante das consequências por infringi-las, as mulheres de Gilead se apegam às lembranças do passado a todo o momento. De acordo com as ideias de Hill (2006), atitudes como essas estão ligadas ao conceito de cultura-valor, onde as pessoas possuem para si o que é certo e errado baseado no seu conhecimento adquirido desde o seu nascimento até a inserção no meio social. Hoggart ainda, citado por Escosteguy (2001), também levava essa ideia em consideração, já que, para ele, os indivíduos usam as novas informações culturais adquiridas para, em muitas vezes, fazer uma comparação com o que viveu no cotidiano. E, é exatamente isso que acontece no primeiro episódio quando Offred e Ofglen estão caminhando de volta para suas casas e passam por um comércio onde, na realidade anterior, eram as instalações de uma sorveteria (FIGURA 8).

Figura 8: Relembrar o passado



Fonte: *The Handmaid's Tale* (2017)

Com essas ideias em mente, e o desenvolvimento da primeira temporada chegando ao fim, no último episódio, denominado *Night*, as Aias, quase que como pela primeira vez, se unem contra o patriarcado e desafiam uma ordem imposta. Ao longo de toda a temporada acontecimentos mostram que algumas das personagens começam a negar a própria condição ao qual foram impostas, assim retomando um empoderamento feminino antes esquecido, uma vez que “toda opressão cria um estado de guerra” (BEAUVOIR, 2016, p. 542).

Na história do feminismo aconteceram diversas revoltas e lutas por melhores direitos ou por simplesmente não aceitarem a condição estabelecida pela sociedade às mulheres, como lembra Friedan (1971, posição 65), quando a revolta pelo fim da sociedade de consumo, e conseqüentemente a mística feminina, teve início. “Não só a mulher, como também a juventude em peso começaram a contestar a sociedade de consumo, seja violentamente, como as revoltas estudantis e negras, sejam aparentemente com não violência”.

Ao longo da série, informações são passadas, conteúdos proibidos são lidos e é descoberto um grupo, denominado *May Day*, contra as ideias de Gilead que usam as próprias Aias para conseguir e repassar informações. Todos esses são acontecimentos que reforçam o sentimento de revolta que cresce a cada dia dentro delas. Porém, todos eles são realizados de maneira secreta, sem dar a entender às autoridades que uma possível revolta pode estar por vir. Afinal, de acordo com as ideias de Solnit (2017, p. 96), “toda mulher que aparece luta contra as forças que desejam fazê-la desaparecer. Luta contra as forças que querem contar a história dela no lugar dela ou omiti-la da história” (SOLNIT, 2017, p. 96),

Mas, é também durante o episódio dez que somos apresentados ao maior ato de rebelião por parte delas. Após acontecimentos em capítulos anteriores, Janine é condenada a apedrejamento por ter colocado a vida de uma criança em risco. Como regras estipuladas da República, são as Aias que precisam fazer esse julgamento. Em um círculo (Figura 9), na praça de encontro e em frente ao palco onde está Tia Lydia, repassando todas as instruções, as Aias, uma a uma, pegam suas pedras e formam um círculo. A mensagem é clara, é necessário apedrejar Janine. O apito soa e nenhuma delas se mexe, afinal ali está uma amiga, uma igual. Offred é a primeira a caminhar até o centro e jogar sua pedra ao chão (Figura 9). Uma a uma, cada Aia, repete o ato e, assim, se rebelam pela primeira vez as leis de Gilead.

A cena mostra como as mulheres unidas são capazes de desafiar, e talvez no caso da série, mudar o sistema imposto a elas. Durante toda a história há exemplos sobre esses acontecimentos, como quando as mulheres eram proibidas de votar e, por meio de incansáveis manifestações, demonstraram o interesse também por esses assuntos. Ou, quando durante a mística feminina perceberam que aquilo não era o que desejavam Segundo Friedan (1971, posição 321), mesmo “a maioria dos homens, ao inverso das mulheres, continuava ignorando que o problema era real”. Elas foram e lutaram pelo direito de ingressarem novamente no mercado de trabalho e nas universidades.

Figura 9: Ato de rebelião



Fonte: *The Handmaid's Tale* (2017) – Elaboração da autora

A última cena, ainda no episódio dez, mostra Offred sofrendo o que seria a punição por ter se rebelado contra Gilead. Um carro vem até à casa dos Waterford e a leva. O sentimento de incerteza sobre o que a espera é grande. Mas a satisfação em saber que desafiou o sistema e consequentemente levou todas as colegas a pensarem sobre o que de fato está sendo imposto, e o quão isto é errado, supera o medo do que acontecerá no futuro. Para Solnit (2017, p. 22), isso é consequência de uma batalha onde a maioria das mulheres luta “pelo direito de falar, de ter ideias, de ser reconhecida como alguém que está de posse de fatos de

verdades, que tem valor, que é ser humano” e, é exatamente essa mensagem que as cenas finais representam.

Durante o golpe que culminou na queda dos Estados Unidos e a ascensão da República de Gilead, foram criadas não apenas novas leis, mas colocada em prática também toda uma nova cultura. Por ser totalmente diferente da anterior, a população precisou passar por uma adaptação cultural. Segundo as ideias de Hall (2016), aplicada a este caso, essa adaptação funciona como um processo de descoberta de pertencimento, necessário para que o indivíduo consiga compreender e sentir qual o seu lugar naquela sociedade, ou seja, conseguir identificar a própria nacionalidade.

Já o autor Edward Tylor, de acordo com os estudos de Laraia (1986), esse processo ainda incluiu a descoberta sobre cada detalhe dessa nova cultura, entre eles as crenças e como essas funcionam, as leis e suas consequências e os costumes impostos por este novo governo. No contexto da série, percebem-se estes dois pontos durante as aulas que as personagens Aias recebem, como exemplo, ao serem capturadas e levadas até o Centro Raquel e Lea ou, até mesmo, em cenas onde as Esposas reciclam tudo aquilo que ainda as ligam à vida passada, como roupas, acessórios, livros e revistas.

Ainda, segundo os estudos de Hill (2006), a sociedade de Gilead estaria inserida na categoria cultura alma-coletiva, uma vez que essa significa que todas as sociedades possuem sua própria identidade cultural, ou seja, particularidades. No caso da República, quando comparada à própria cultura norte-americana, leis como a proibição da leitura às mulheres, costumes como não usar aparelhos modernos e a crença no poder da religião dão os valores para que possibilite a identificação das pessoas que constituem esse povo.

Thompson, citado nos estudos de Martino (2014), também é um dos autores que afirma que as características e ações dos indivíduos são capazes de compor a identidade cultural de uma sociedade ou indivíduo. Na série, com a queda dos Estados Unidos, pode-se notar uma completa mudança nessa relação, uma vez que todas as características responsáveis por denominar o que antes era ser um norte-americano, são deixadas de lado para impor os novos costumes de Gilead. Assim, faz-se entender que o processo de identificação cultural pode sofrer mudanças a qualquer momento, acompanhando as novas descobertas e particularidades de uma sociedade, uma vez que essas mulheres, a princípio, aceitam a condição as quais estão sendo impostas.

5 Considerações Finais

Distopia é um “lugar ou estado imaginário em que se vive em condições de extrema opressão, desespero ou privação”, de acordo com o dicionário online Dicio. Durante os últimos anos, fomos apresentados aos mais diferentes produtos midiáticos que envolvem essa descrição, entre eles filmes como *Matrix*, *Mad Max* e *Jogos Vorazes* ou séries como *The Walking Dead*, *The Purgue* e *Black Mirror*. *The Handmaid's Tale* também se enquadra neste grupo, mas, diferente dos citados anteriormente, este traz algo inovador, diversos aspectos da ficção se assemelham a vida real.

A série trouxe muitos debates à tona. Como é possível as ideias bárbaras do novo Estado de Gilead terem ido à frente, a ponto de conseguir a tomada do poder? A ‘volta dos velhos costumes e tradições’, os quais se apoiavam em ideia conservadoras de uma família tradicional e sem luxúria, como tentativa para salvar uma nação, foi o discurso utilizado entre os envolvidos. A história apresenta algumas semelhanças com a realidade de diversas sociedades. O governo de Gilead se mantém no poder por meio do uso da violência para instigar o medo na população, assim como através da coação, obrigando-a a aceitar o que é imposto, além de alinhar tais ideias com a necessidade de reerguer os índices de fertilidade daquela nação.

No Brasil, por exemplo, cada vez mais presenciamos políticos que usam ideias religiosas para declarar o apoio contra a comunidade LGBT no geral, ou até mesmo a ideia da mulher doméstica e dona de casa, serem eleitos pelos cidadãos; países onde mulheres não possuem o direito de usar qualquer tipo de roupa, sendo culpadas pelos próprios estupros ou este ato nem ao menos sendo caracterizado como crime, não podendo se divorciar dos maridos e transitar livremente; são acontecimentos presentes na série e também na sociedade real⁵ e que, em muitos dos casos, não há uma revolta coletiva das populações afetadas.

Por meio da série é possível acompanhar o desmembramento dos Estados Unidos e a tomada do poder de um governo que rege as mais absurdas leis usando como pano de fundo a religião, além de possuir um sistema político no qual não há limites para o uso da violência. Ao longo dos episódios percebe-se que parte da sociedade em questão, durante o golpe que culminou nas mudanças governamentais, não aceitava a condição a qual estava sendo imposta, mas que outra fração da população acreditava que a volta de costumes antigos

⁵ Pode-se ler mais sobre tais comparações nos seguintes sites: <https://epoca.globo.com/mundo/noticia/2018/07/assustadora-semelhanca-de-handmaids-tale-com-realidade-de-mulheres-no-ira-nigeria-e-arabia-saudita.html> ou <https://oglobo.globo.com/cultura/the-handmaids-tale-os-acontecimentos-reais-que-inspiraram-margaret-atwood-23446498>

poderiam beneficiar aquele país e reverter os índices negativos de fertilidade e também ligados ao meio ambiente.

O objetivo geral desta pesquisa foi saber como as mulheres são representadas por meio dos estudos culturais na série *The Handmaid's Tale* (2017) e se essa caracterização é mantida ao longo de toda a primeira temporada. Esses objetivos foram alcançados a partir das cenas analisadas que deixaram claro que essas mulheres são representadas de maneira igual, porém cada qual com suas particularidades. Chegou-se à conclusão de que, por serem divididas em castas, cada mulher possui o seu papel cultural. As Aias são as reprodutoras; as Marthas, empregadas domésticas; as esposas, donas de casa e acompanhantes do marido; as tias como professoras que auxiliam na educação; e as não mulheres são as pobres, prostitutas, doentes ou que não se encaixam em nenhuma das castas acima descritas. Cada uma dessas identidades resulta no que a sociedade espera: feminilidade, ser esposa, mãe, dona de casa e educadora, assim tendo o seu papel imposto a partir do que aquela cultura define como “papel da mulher”, segundo as ideias de Beauvoir (2016).

Mas, mesmo com essa divisão de identidades, percebe-se que elas ainda são representadas de maneira igualitária, uma vez que todas, sem exceção, não são livres para escolher o próprio destino, não possuem o direito de ir e vir e estão sob regras que as rebaixam como inferiores perante aos homens. Mesmo uma esposa não tendo que se submeter mensalmente a uma cerimônia de estupro, como uma Aia, ainda assim ela é uma igual, uma vez que é tão prisioneira de Gilead quanto qualquer outra casta.

As mulheres dessa sociedade ainda são vistas como exclusivamente tal qual um objeto, onde a única finalidade é a reprodução. Por serem inferiores aos homens, nas ideias de Gilead, suas opiniões não têm valor; seu prazer durante o sexo não importa, é eliminado, enxergado como uma luxúria também responsável pelas baixas natalidades do antigo país; ter todos os membros do corpo, como olhos, mãos, braços e pés, não são necessários a essas mulheres, toda e qualquer violência que não prejudique a reprodução é aplicada; quando geram um filho, são tratadas como deusas, com todos os desejos e vontades sendo realizados, mas logo descartadas à próxima cerimônia do coito, com o recomeço de um ciclo.

Percebe-se também que toda essa caracterização é mantida ao longo da temporada, pois em nenhum momento as políticas de Gilead são mudadas. Cada mulher tem sua identidade firmada nessa sociedade e passa por diversos processos quando desvirtua deste, como por exemplo, a mutilação de membros ou levadas à morte por meio das colônias. Mas, como visto durante a análise, uma faísca de rebelião surge durante o último episódio, quando

as Aias se negam a apedrejar uma colega. Este momento pode ser encarado como o início de uma luta contra o patriarcado desta República.

Todos os acontecimentos ao longo da série funcionam como um tipo de alerta para o fato de que muitas sociedades, ainda nos dias de hoje, contribuem para que uma reconstituição da narrativa feita por Offred torne-se possível, pois, como é de conhecimento e assim como no desenrolar da série, parte da população acredita que os valores do passado, os religiosos e mais conservadores, são os corretos para se ter em uma cultura.

Percebe-se ainda que as características da identidade cultural norte-americana, responsável por definir o sentimento de pertencimento e nação à população daquele país, segundo as ideias de Thompson, citado por Martino (2014) são deixadas de lado e logo substituídos pela cultura de Gilead. Assim, agrega ainda mais ao fato de que a cultura pode mudar de acordo com o ambiente na qual está inserida e os acontecimentos as quais este está submetida.

Sabe-se que ao longo da história as mulheres saíram às ruas diversas vezes para lutarem a favor por seus direitos. E, diferente de como aconteceu na época da mística feminina, é preciso lutar para que indústria e a sociedade em geral não ditem mais as regras às mulheres. Direitos conquistados anteriormente não podem ser retirados, como acontece na ficção de *The Handmaid's Tale*. “A luta tem sido e continuara sendo longa, difícil e por vezes feia, e a reação contra o feminismo continua feroz, vigorosa e onipresente; mas ela não está vencendo. O mudou profundamente, e precisa mudar muito mais” (SOLNIT, 2017, p. 174).

Como resultado geral desse artigo pode-se constatar que a representação dessas mulheres serve para abrir discussões sobre o atual papel da mulher perante a sociedade e despertar o interesse pelas causas já vencidas anteriormente. Discursos de ódio, ideias que relacionam a religião com o oposto do real significado das mensagens bíblicas, precisam ser monitorados e, se necessário, fazer como as mulheres do passado: sair às ruas e lutar.

Pode-se ainda afirmar que essa pesquisa não tem um fim estabelecido aqui. Com a segunda temporada já lançada e uma terceira temporada sendo exibida nos Estados Unidos, mais debates acerca do assunto serão gerados e discutidos. Os episódios seguintes darão continuidade à história de Offred, Ofwarren, Serena Joy e a população de Gilead, mostrando até mesmo o início de uma rebelião contra o patriarcado. Além disso, também é indicada a leitura do livro, no qual a produção é baseada, explorando ainda mais todo esse universo criado pela autora Margaret Atwood. Os estudos sobre gênero e cultura não podem parar, uma vez que estão totalmente ligados ao desenvolvimento da nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução de Christina Baum. 1º edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ATWOOD, Margaret Eleanor. **O conto da Aia**. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BEAVOUIR, Simone. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 3º edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

DICIO. **Dicionário Online de Português**. Disponível em < <https://www.dicio.com.br/distopia/> > Acesso em 22 jun. 2019.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Tradução de Sandra Castello Branco. São Paulo: UNESP, 2005.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (Org.). **Os estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

FRIEDAN, Betty. **Mística feminina**. Tradução de Áurea B. Weissenberg. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Limitada, 1971. Disponível em < <http://lelivros.love/book/baixar-livro-mistica-feminina-betty-friedan-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/> >. Acesso em 22 jun. 2019.

GLOBO Play. **The Handmaid's Tale**. Disponível em < <https://globoplay.globo.com/the-handmaids-tale/p/11154/> >. Acesso em: 17 jun. 2019.

HANDSMAIDSBRASIL. **‘Review | The Handmaid's Tale S01E01 - "Offred"’**. Disponível em <<https://www.handmaidsbrasil.com/2018/03/review-primeiro-episodio-da-primeira-temporada.html>>. Acesso em: 17 jun. 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11º edição. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução de Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HILL, Telenia. **Homem, cultura e sociedade**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito antropológico**. 27ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher: Permanência e revolução do feminino**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da Comunicação: ideias, conceitos e métodos**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

MURARO, Rose Marie. **A mulher no terceiro milênio**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995

PENA, Felipe, organizador. **1000 perguntas sobre teoria da comunicação**. Rio de Janeiro: LTC, 2012. Disponível em < <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/978-85-216-2171-3> > Acesso em: 22 jun 2019.

SOLNIT, Rebecca. **Os homens explicam tudo para mim**. Tradução de Isa Mara Lando. São Paulo: Cultrix, 2017.

THE HANDMAID'S TALE. Criador: Bruce Miller. Estados Unidos: Hulu, 2017. 1ª temporada.

WOLF, Naomi. **O mito da Beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Tradução de Waldéa Barcellos. 1ª edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

AGRADECIMENTOS

Após concluir esse tão esperado trabalho, me sinto na obrigação de agradecer a algumas pessoas que contribuíram direta ou indiretamente não só para que este fosse finalizado, mas também a minha formação.

Começo agradecendo aos meus pais, por desde o início terem cobrado tanto em todos os aspectos da minha vida. Chego até aqui graças a vocês! Gratidão por mesmo após semanas sem me ver, entender que era necessário deixar a saudade de lado para que eu pudesse dedicar o pouco tempo livre a escrita. Obrigada por serem incríveis.

À minha orientadora Darlete Cardoso por todo o apoio ao longo desses últimos semestres. Obrigada pelos puxões de orelha, a paciência com o meu pouco tempo livre, as mensagens fofas de incentivo e por acreditar no meu potencial para levar essa pesquisa até o fim. De longe você foi a melhor escolha.

À minha maravilhosa melhor amiga, Chayan Andrade, que me acompanha desde o ensino fundamental e agora está ao meu lado em mais essa fase. Obrigada por ter escutado milhares de áudios repletos de surtos, assuntos desconhecidos e narrações do que eu estava escrevendo naquele momento. O seu companheirismo foi essencial do início ao fim.

Aos meus outros amigos que não economizaram nas palavras de apoio, entenderam os meus sumiços nessas últimas semanas e surtaram muitas vezes junto comigo. Em especial as meninas do grupo *Anitinhas*, Kauana, Laura e Jéssica, e também Edivelton, Isabela, Nathalia, Phillype, Vinícius, Daniela e Vanessa. Finalmente vocês não vão mais me escutar reclamando desse trabalho, comemorem!

A todos os professores que de alguma maneira contribuíram não apenas para este artigo, mas também a minha formação. Especialmente a Alexandre Lenzi, Mario Abel Bressan Junior e Mateus Vilela, as aulas e carinho de vocês fizeram toda a diferença.

À Margaret Atwood por ter escrito uma obra com um assunto tão importante a ser debatido e Bruce Miller por ir além e levar a adaptação até as telas. Essa história me intrigou desde os primeiros minutos, fazendo até mesmo com que eu mudasse o tema da minha pesquisa.

Por fim, a todas as mulheres que antes de mim lutaram por nossos direitos, especialmente ao de poder ingressar em uma universidade. A luta ainda é necessária e continuamos na batalha pela igualdade de gênero.